

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Diálogo entre Trump e Lula é imprevisível como o abraço entre eles

O possível encontro entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante a cúpula da Asean, em Kuala Lumpur, a partir de 26 de outubro, vem sendo preparado em meio a gestos diplomáticos calculados, mas carrega imprevisibilidade semelhante ao improvisado abraço entre ambos na Assembleia-Geral da ONU.

O Brasil participará como convidado, e a expectativa é de que Trump confirme presença. A reunião pode abrir caminhos para uma acomodação no momento mais tenso das relações bilaterais desde o início do governo Lula, mas dificilmente resultará num acordo, porque os interesses contrariados são profundos e complexos.

Na semana passada, o vice-presidente Geraldo Alckmin conversou por telefone com o secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick, enfatizando que a preferência do Brasil é pelo diálogo, apesar do “tarifaço” de 50% imposto unilateralmente por Washington. Também a Camex adiou em 30 dias a decisão sobre retaliações, sinalizando disposição de negociar. O chanceler Mauro Vieira, ao declarar que o Brasil “vai aplaudir” o plano de paz de Trump para Gaza, ofereceu gesto simbólico de deferência.

Essa questão de Gaza é um fio desencapado nas relações do Brasil com Israel, em razão da firme posição brasileira de que estaria havendo um genocídio de palestinos, inclusive perante tribunais e organismos internacionais. Mas o apoio à proposta de paz dos EUA representa uma mudança de abordagem e, indiscutivelmente, agrada Trump.

Entretanto, o contencioso comercial fala mais alto. Na conversa com Alckmin, Lutnick deixou claro que Brasil, Índia e Suíça continuam no radar das correções impostas por Trump. Em entrevista, disse que esses países precisam “jogar segundo as regras do presidente dos EUA”, ou seja, abrir mercados e abandonar práticas vistas como nocivas ao comércio norte-americano. Apesar do tom duro, afirmou acreditar numa “resolução”, ou seja, admitiu que há um diálogo em curso e esse é o primeiro passo para qualquer acordo. Antes da Assembleia da ONU, não existia essa possibilidade.

O problema principal, porém, continua sendo a imprevisibilidade de Trump, que oscila entre gestos afáveis e imposições ríspidas. O segundo é a própria postura de Lula, que pretende negociar de cabeça em pé e não é de levar desaforo para casa. O presidente brasileiro às vezes exagera na busca de mais protagonismo internacional — como quando sugeriu mediação na guerra da Ucrânia — e seu assessor especial, Celso Amorim, tem claras posições antiamericanas, o que tensiona as relações e atrapalha as negociações do Itamaraty.

Interesses estratégicos

Temas delicados, como regulação digital e julgamento de Jair Bolsonaro, precisarão ser enfrentados com concessões de ambas as partes. Nem Trump deixará de representar os interesses das big techs americanas, nem Lula vai aceitar interferência no Judiciário brasileiro.

Apesar das divergências nos quesitos democracia, clima e regulação digital, é possível avanços estratégicos na área empresarial. Há campos férteis para isso. O Brasil ainda tem uma economia muito fechada, o peso relativo do comércio com os EUA é pequeno em relação ao PIB e, por isso, uma maior abertura comercial pode beneficiar os consumidores brasileiros.

Na tecnologia e na mineração, projetos conjuntos de exploração e refino de terras-raras, com transferência de tecnologia, fortaleceriam a indústria nacional. No setor militar, a compra de armamentos norte-americanos e eventuais parcerias industriais reforçariam a capacidade das Forças Armadas. No campo empresarial, Embraer e JBS poderiam expandir fábricas nos EUA, projetando capital brasileiro no maior mercado mundial.

As empresas norte-americanas aqui instaladas e as “campeãs nacionais” que operam nos EUA têm cadeias de produção muito integradas e estão ajudando a melhorar o clima para as negociações. Foram fundamentais para “cair a ficha” de que condicionar as relações entre os dois países à anistia para Bolsonaro era uma posição insustentável do ponto de vista da diplomacia mundial e da política interna.

Os norte-americanos não rasgam dólares. O Brasil é o nono maior destino das exportações dos EUA e o quinto em termos de superavit comercial para eles. Para os brasileiros, Washington é o segundo parceiro exportador e responde por um terço dos investimentos estrangeiros. O peso é visível em diversos setores, do agronegócio ao financeiro, dos automóveis aos smartphones. Ignorar essa interdependência seria custoso para ambos os lados.

Um tema que aumenta a distância entre Lula e Trump, porém, é a questão climática. Em discurso no Pará, o presidente brasileiro cobrou compromissos concretos, dos Estados Unidos e da China, para o financiamento da preservação das florestas. Trump resiste a mecanismos multilaterais de combate às mudanças climáticas, enquanto o Brasil busca recursos externos para sustentar sua política ambiental.

A cobrança pode gerar atrito, mas não a ponto de impedir um acordo. O encontro na Malásia, se confirmado, pode ser o primeiro passo para superar a pior crise bilateral em décadas. O risco está no choque de personalidades e agendas ideológicas. Lula e Trump, porém, também têm a oportunidade de transformar a tensão comercial em cooperação concreta em setores estratégicos, que é o que mais importa.

CONFERÊNCIA DO CLIMA

Presidente afirma que sabia das dificuldades de realizar o evento numa capital repleta de carências. Mas assegura que só ali os líderes saberão o que é a Amazônia

Lula avisa que COP não será do “luxo”, mas da “verdade”

» VICTOR CORREIA

A COP30, em Belém, no próximo mês, não será “do luxo”, mas “da verdade”. Foi o que disse, ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que visita o estado para inaugurar obras relacionadas à Conferência do Clima das Nações Unidas. Ele reconheceu as dificuldades de realizar o evento na capital paraense, como a pobreza da região e a falta de infraestrutura, e fez piada da falta de leitos de hotel na cidade ao afirmar que vai “dormir em um barco”.

“Não vai ser a COP do luxo. É a COP da verdade, em que nós queremos saber se os presidentes do mundo estão preocupados com a questão climática. Quero saber se os presidentes (Donald) Trump (Estados Unidos), Xi Jinping (China) e (Emmanuel) Macron (França) estão preocupados em resolver o problema da situação climática”, cobrou, para acrescentar: “Vamos fazer a melhor COP da história da COP neste país, com todos os problemas que a gente tem, até com carapanã (mosquito) picando um gringo. Não tem problema. Eles têm que saber como é que a gente vive”. Lula entregou obras e investimentos em educação e Brevés, na Ilha do Marajó, e inaugurou uma estação de tratamento de esgoto, em Belém.

A realização da COP na capital paraense enfrenta desafios, como a falta de infraestrutura e os altos preços de hospedagem. Vários países chegaram a pedir ao governo brasileiro que o evento fosse realizado em outra cidade por conta dos preços abusivos na rede hoteleira, o que foi recusado. Lula frisou que sabia os problemas de Belém quando aceitou apresentar a cidade como sede para a conferência, daí porque disse

Ricardo Stuckert/PR



As pessoas que vierem aqui vão estar diante da maior riqueza de floresta viva do mundo. Se quiserem conhecer a floresta, eles estarão no lugar (certo)!”

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

que passará o período do evento em um barco.

“Falei para a (primeira-dama) Janja: ‘Não vou nem para hotel, vou dormir em um barco porque, enquanto os gringos estiverem dormindo, vou estar pescando’”, disse.

Obras

No Marajó, Lula entregou três unidades de ensino e assinou uma ordem de serviço para a retomada de sete outras obras, com

investimento total de R\$ 3 milhões, incluindo escolas, creches e quadras de esporte. Em Belém, visitou a estação de tratamento de esgoto Una, que recebeu investimento de R\$ 125,2 milhões, sendo R\$ 49,5 milhões do governo federal e R\$ 75,7 milhões do governo paraense.

“A COP é uma oportunidade, primeiramente, para a gente apresentar a Amazônia para o mundo. As pessoas que vierem aqui, os chefes de Estado, os especialistas

da questão climática, vão estar diante da maior riqueza de floresta viva do mundo. Se quiserem conhecer a floresta, eles estarão no lugar (certo). Vão poder saber, de verdade, o que é a Amazônia”, frisou, ao lado do governador Helder Barbalho e do ministro demissionário do Turismo, Celso Sabino.

“Não estão todos os problemas resolvidos, mas a verdade é que Belém será outra cidade depois da COP 30. Esperem para ver”, previu.

Obras avançam e preço das diárias cai

» RAFAELA GONÇALVES

Belém — A menos de 40 dias da COP30, Belém começa a viver a reta final de preparação para receber o maior evento ambiental do planeta. Além da queda média de 30% nos preços de hotéis e pousadas, o governo estadual informa que 90% das obras de infraestrutura previstas estão concluídas, incluindo melhorias em drenagem, saneamento e mobilidade urbana.

Segundo o diretor de projetos da Secretaria Especial da COP30, Olmo Borges Xavier, os preços das hospedagens seguem a tendência de acomodação. “Esse é um dado significativo. Foi o que vimos nas Olimpíadas de Paris. Os preços eram altíssimos meses antes e caíram conforme o evento se aproximava. No começo, quem reservou em janeiro pagou mais caro, mas a tendência é de estabilização na reta final”, afirmou. O secretário de Infraestrutura e Logística do Pará, Adler Silveira, disse que o balanço das obras inclui a requalificação de ruas, melhorias no sistema de saneamento e a construção do Parque da Cidade, que será um dos principais espaços da programação oficial.

Apesar do relatório oficial, boa parte da cidade ainda está cercada por tapumes. Moradores relatam a impressão de que certos projetos perderam fôlego, alimentando questionamentos sobre a capacidade do governo de concluir todas as intervenções antes do evento.

Silveira afirmou que a maior parte das obras será entregue dentro do prazo, mas algumas que são complementares podem se estender para além da COP30. “Temos 90% das obras prontas e dentro do cronograma, como a requalificação de ruas, o Parque da Cidade e melhorias de saneamento. É natural, em um evento dessa dimensão, que alguns projetos

Rafaela Gonçalves/CB/D.A. Press



Integrantes da organização trabalham com a hipótese de que algumas obras não sejam entregues a tempo

mais estruturantes fiquem para depois da COP, mas o essencial para receber a conferência estará concluído”, explicou.

Como parte do esforço para reduzir alagamentos e melhorar a infraestrutura urbana de Belém, a cidade passa por intervenções em canais de microdrenagem, com um total de 14 obras. Dois desses canais são financiados pela Itaipu Binacional, enquanto os outros 12 são realizados em parceria com o BNDES.

Requalificação

Um dos destaques é o Parque Linear da Nova Doca, inaugurado ontem. “A obra da Nova Doca representa um marco de requalificação urbana para Belém. É um espaço

que vai unir lazer, mobilidade e drenagem, mostrando como é possível integrar infraestrutura com qualidade de vida para a população. Esse é o tipo de legado que queremos deixar para a cidade”, afirmou Carlos Carboni, diretor de coordenação de Itaipu Binacional.

Além da hospedagem, a logística da cidade tem sido foco de ajustes. O trânsito na conferência deverá ser amenizado pela coincidência com o período de férias escolares e pela adoção de regimes de trabalho remoto em órgãos públicos. “Estamos tomando medidas para que a cidade não pare. A estratégia inclui escadas diferenciadas e uso de tecnologia de monitoramento em tempo real”, explicou Silveira. Ele ressaltou que Belém acumula a experiência na organização de

grandes eventos, como o Círio de Nazaré, que todos os anos reúne cerca de 1,5 milhão de pessoas na capital paraense.

Olmo Xavier, por sua vez, destacou que sediar um evento da dimensão da COP não é um desafio exclusivo de Belém. “A conferência é complexa para qualquer cidade do mundo. Foi assim em Dubai, na COP28, onde a logística de hospedagem e transporte também exigiu grandes esforços. Temos dificuldades, mas estamos trabalhando para garantir que tudo funcione de forma adequada. Queremos deixar benefícios duradouros para os nove milhões de pessoas que vivem na Amazônia”, observou.

*A jornalista viajou a convite da Coca-Cola